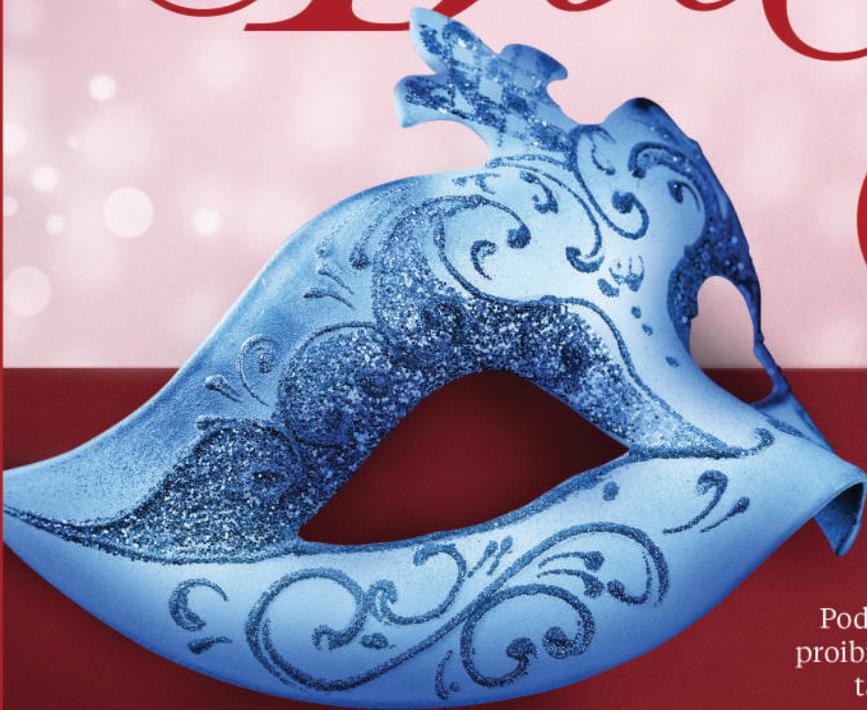


O TABU *mais* *Doce*

Para as fãs
dos livros de
E L James
e Sylvia Day



Pode um amor
proibido ser assim
tão doce?

J. KENNER

Autora Vencedora do Prémio RITA
MELHOR ROMANCE ERÓTICO

TOP
SEL
LER

Ela achava que, por esta altura, Dallas já seria seu.
Julgava que ele compreenderia que isso era inevitável.
Seria culpa sua ter de o apressar? Ter de o fazer ver?

No que dizia respeito ao amor, uma miúda tinha de fazer o que tinha de fazer, e Dallas Sykes era um homem com queda para o drama. Gostava de espetáculo. Gostava de deixar a sua marca.

Era capaz de começar por se zangar; ela tinha noção disso. Porque o seu plano para desimpedir o caminho até ele era... o quê? Radical? Perigoso?

Não. Imperativo. Não lhe restava escolha, na verdade. Ele era, pura e simplesmente, seu. O mundo só ainda não se tinha dado conta disso.

E, o que era mais importante, Dallas ainda não se tinha dado conta disso.

Ela não percebia como era possível que ele não soubesse. Aquilo entre eles fora especial. Fora puro. Não como com aquelas

vadias que ele levava para a cama. Não como aquele caso ridículo com a irmã, mais miserável ainda por estar espalhado em todas as redes sociais, com a vergonha de ambos a fazer manchetes e dar volta a estômagos.

Ela nunca o tinha considerado imbecil, mas talvez fosse. Porque devia saber. Devia compreender. E, contudo, isso não acontecia.

Mas não fazia mal. Em breve saberia.

E então...

Bem, e então seria verdadeiramente seu.

Outra vez.

Ela não está aqui. Raios partam, ela não está aqui. O sangue de Dallas Sykes ardia de pavor enquanto ele descia pelo quarteirão sombrio e residencial da zona ocidental da 82nd Street, com os olhos a perscrutar cada canto e recanto, em busca de uma mulher que ele sabia não se encontrar ali.

Àquela hora, a rua estava deserta, os residentes estavam em segurança nas suas camas, por trás das janelas escurcidas das casas de Upper West Side, que se erguiam como o muro de um labirinto inescapável em torno de Dallas.

Onde? Porra, onde estaria ela?

A área estava demasiado escura, as poucas luzes de exterior eram demasiado ténues para servirem de alguma coisa. Por isso, Dallas usava a lanterna do telemóvel para romper a escuridão e escrutinar cada centímetro da rua em busca de algum sinal de Jane. Uma unha partida. Um sapato.

Que Deus não o permitisse, mas até sangue.

Estremeceu, tentando ignorar o terror. Não estava a conseguir.

A culpa era sua, raios. *Sua.*

Ocultara a verdade a Jane, julgando que assim seria melhor. Que a pouparia a mais dor. Mas aqueles segredos enterrados tinham-se libertado, selvagens, cruéis e perigosos. E agora ela tinha desaparecido. Estava em parte incerta. Talvez estivesse morta — só que isso não podia ser; essa ideia era demasiado pesada, demasiado horrível para que ele pudesse sequer assimilá-la.

Mas feita prisioneira? Oh, santo Deus, e se ela tivesse sido lançada de novo para o horror da juventude, e tudo por causa dele?

— Continua a procurar. — A voz de Liam, firme e controlada, passava pelo auscultador. — Aparece-me aqui um sinal.

— É claro que vou continuar a procurar — disparou Dallas. — Mas ela não está aqui. — Ergueu a voz, correspondendo ao seu medo cada vez maior. — E o maldito telemóvel dela também não.

— Mantém-te focado, Dallas. Não podes ajudá-la se te descontrolares.

— *Foda-se.*

Uma nova vaga de medo aumentou dentro de si e Dallas teve de apertar mais o telemóvel para fazer frente ao impulso quase irresistível de o atirar ao chão. Mas não podia. Por mais impotente que se encontrasse naquele momento, era a linha que o ligava a Jane.

Jane.

Seu coração. Sua alma.

A única pessoa no mundo que amava, precisava, por quem mais ansiava.

E Liam tinha razão — não poderia ajudá-la se perdesse o controle. Se se permitisse ceder ao medo e às memórias.

Por isso, não o faria. Permaneceria na rua. Procuraria. Seguiria cada pista. E, no final, encontrá-la-ia, pois nenhuma outra opção era sequer concebível. Iria encontrá-la, resgatá-la e matar a cabra de merda que a levara.

Combatendo um calafrio, voltou a olhar para a imagem que alguém lhe enviara a partir do telemóvel dela.

Jane. Atacada e espancada.

Jane. Inconsciente e indefesa num passeio. *Naquele* passeio. Ou, pelo menos, algures ali perto, pois Liam estava a rastrear-lhe o telemóvel naquelas coordenadas. Portanto, onde raio estaria ela?

Lentamente, inspirou, expirando depois com precisão idêntica.

— Tens a certeza de que a localização é esta?

— Tenho. Estou logado na conta dela. Vejo a localização do telemóvel no mapa. E estamos a ver uma circunferência de cerca de oito metros.

Dallas assentiu com a cabeça, confiando no amigo, porque sabia perfeitamente que não podia confiar em si mesmo. Não estava de todo a pensar com clareza. A única coisa de que tinha uma memória exata era de estar no novo apartamento que partilhava com Jane, um pouco abalado depois de ela se ter zangado consigo por causa dos segredos que ele guardara. Ela saíra furiosa e ele obrigara-se a ficar, sabendo que ela precisava de libertar a zanga. Esperava que ela fosse dar uma volta, talvez visitar o amigo Brody.

Não esperava que fosse atacada. Levada.

Não esperava uma repetição da maldita adolescência deles.

E decerto não contava que o seu telemóvel tocasse com uma mensagem a mostrá-la, caída no chão, de olhos fechados e cara espancada.

Essa imagem fora suficientemente horrível. Mas o que lhe provocara calafrios tinha sido a máscara de Carnaval no chão ao lado do corpo estendido. Uma máscara idêntica à que a Mulher usava quando entrava na cela deles. Quando o afastava de Jane. Quando o torturava durante horas — *dias* — sem fim.

Sentiu um aperto no estômago enquanto a mente se enchia de imagens do que ela lhe tinha feito. Só que, desta feita, não era Dallas a vítima do abuso cruel da Mulher, mas Jane.

Não. Por favor, meu Deus, não.

— Nada de máscara, nada de Jane. Jesus, Liam, onde porra é que ela está?

— A equipa está a caminho. Vai começar a bater a todas as portas. Vamos encontrá-la — disse Liam, mas Dallas detetou-lhe o medo na voz.

Girou sobre si mesmo enquanto examinava a rua residencial silenciosa. Jane tinha de estar nalgum lugar, e talvez a Mulher a tivesse arrastado para um daqueles prédios. Talvez alguém tivesse visto alguma coisa, ouvido alguma coisa. Mas agora a rua estava deserta. Noah e Tony iriam porta a porta, à procura de testemunhas. Mas isso levaria tempo.

Tempo que Jane podia não ter.

Quem a atacara podia tê-la levado para qualquer sítio. Mas ela também podia encontrar-se ali mesmo, a escassos metros dele, a assistir por uma janela, de mãos atadas, boca amordaçada, a esperança a desvanecer-se enquanto o via tropeçar às escuras.

Que se lixe.

Lançou mais um olhar atento à área que já tinha percorrido. Nem sinal do telemóvel.

Saiu do passeio para a estrada. Tudo como dois minutos antes. Exceto...

— A sarjeta — disse a Liam, ao mesmo tempo que se punha de gatas e enfiava o braço até ao ombro. Absurdo, na verdade. Se o telemóvel ali se encontrasse, estaria a pelo menos um metro de profundidade, sobre betão húmido, pronto para ser levado na tempestade seguinte. Ele não o alcançaria, não sem...

— Já o tenho.

Depois rogou uma praga. Pois e agora? O telemóvel não era a mulher, e essa ele continuava a não ter. E agora sabia com a certeza absoluta que ela não estava com o telemóvel.

Foda-se.

— Abre o ficheiro das fotos — ordenou Liam. — Não havia qualquer informação de localização incluída na fotografia ou na mensagem que recebeste, mas talvez a fotografia no telemóvel tenha dados de GPS incorporados.

— Já estou a tratar disso — respondeu Dallas, com um rasgo de esperança enquanto tocava e fazia o ecrã avançar para que a fotografia se abrisse. Realmente, encontrou a hora e o local anexados à imagem. Leu as coordenadas de

GPS a Liam, com o corpo a retesar-se enquanto esperava que o amigo o enviasse para outro local.

Mas tudo o que Liam fez foi sussurrar *Raios partam*.

Dallas não precisava de ouvir mais. Sabia o que isso queria dizer. A última linha que o ligava a Jane fora cortada.

Inclinou a cabeça, a pensar.

Talvez não a última, afinal.

— O Colin está acordado?

— Ainda não — disse Liam. — Enchemo-lo de calmantes, mas o efeito está a começar a passar. Ia dar-lhe agora outra dose. Mantê-lo inconsciente até o Quince chegar de Londres.

— Não — disse Dallas. — Deixa-o acordar. Vou para aí.

2

NA CELA

Dallas conhecia Colin desde os seus 5 anos. Crescera com ele por perto. Tinha reconfortado Jane quando as decisões impensadas de Colin a tinham colocado em perigo. Abraçara-a quando Lisa, a mãe de ambos, dera entrada do processo para pôr fim aos direitos parentais de Colin para que Eli — tio e pai adotivo de Dallas — pudesse adotar Jane, o que, para todos os efeitos, tornara Dallas e Jane irmãos.

Dallas nunca duvidara de que Colin pudesse ser um otário. Afinal, tinha cumprido pena por tráfico de informação privilegiada e depois passara outra temporada na cadeia por fraude fiscal. Tomara más decisões e metera-se com a malta errada.

Mas Dallas também vira como Colin reconfortara Jane depois do sequestro. Quando ela estava vulnerável e confusa e precisava de se afastar da família. O mais doloroso tinha sido que fosse de Dallas que ela tentava fugir. A ligação

— a paixão — entre eles tinha-lhe permitido suportar o cativo. Mas era aquilo que não podiam de todo transportar para lá daquelas paredes de betão.

Por isso, ela partira. Criara muros. E recorrera ao apoio do pai.

Dallas tinha detestado a distância, mas ficara grato a Colin, que aparentemente tinha posto de parte a sua dor por ter perdido os direitos parentais e apoiara a filha. Tão grato, na verdade, que Dallas e Colin tinham reavivado a amizade quando ele chegara à idade adulta. E, com o passar do tempo, Colin e a sua nova mulher, Adele, tinham passado a fazer parte do círculo de amigos de Dallas.

Nunca suspeitara de que Colin pudesse ter sido responsável pelo sequestro. Nunca lhe passara sequer pela cabeça que o homem perto do qual crescera — o homem que Jane ainda amava como a um pai — tivesse sido o Carcereiro. O homem que os trancara num quarto. O homem que sussurrara a Dallas que ele merecia toda a agonia que sofrera em cativo.

O homem que permitira que a Mulher aplicasse os seus jogos sádicos e sexuais a um rapaz de 15 anos.

Agora já suspeitava. Raios, agora já acreditava nisso.

Ficava nauseado, mas acreditava.

E ao acelerar pela rua quase deserta na *Ducati Darmah* clássica que comprara quando andava na faculdade, tudo em que pensava era que tinha de chegar a Colin. Tinha de encontrar Jane. Pois, ao fim e ao cabo, só ela importava. E assim que entrasse na sala onde estava o filho da mãe, Colin não teria a mínima hipótese de sair com vida até Dallas obter respostas.

Guinou à direita e depois deu gás à moto ao ver que a via estava desimpedida. Ia demasiado depressa e tinha noção disso, mas não podia abrandar. Não com as memórias de Colin ainda a encherem-lhe a cabeça. Não enquanto tentava escapar à memória persistente do rosto de Jane quando lhe dissera para se ir embora.

E certamente não quando ainda tinha a voz do Carcereiro a sussurrar-lhe ao ouvido, tão presente e cruel como fora quase 18 anos antes.

Achas que ele vai tentar salvar-te, esse homem a quem chamas pai? Achas que gosta de ti o suficiente para pagar o preço para continuar a ter-te?

É bom que esperes que assim seja.

É bom que esperes que sejas mais do que outro maldito troféu que ele tem em exibição em cima da lareira. Mais uma aquisição na grande coleção de Eli Sykes.

Vou contar-te um segredo — eu também espero que assim seja. Porque tu não vales o ar que respiras. E, se ele não pagar para te reaver, não sei por que raio haveria de me dar ao trabalho de te manter vivo.

Com uma guinada violenta no manípulo, Dallas resvalou e travou a dois quarteirões do seu destino, com a respiração ofegante. Ficou parado em cima da moto por um momento, a olhar para uma mercearia parcialmente demolida de East Harlem, enquanto tentava livrar-se das memórias. Tentava recompor-se, caramba.

Já não era esse adolescente assustado. Era um adulto e ainda por cima era um homem poderoso. E tinha toda a intenção de usar algum desse poder agora.

Estava na altura de pôr as malditas memórias de parte.

Estava na altura de recuperar Jane. Já se tinha passado uma hora desde que aquela maldita mensagem de texto lhe chegara à caixa do correio, e cada segundo era como uma faca a espetar-se-lhe no bucho. Ela precisava que ele estivesse concentrado. Atento.

Ela precisava que ele a encontrasse, que a protegesse como sempre prometera que faria. E ele não ia desiludi-la, nem pensar!

Determinado, desmontou da moto e caminhou na direção do edifício que a Libertação adquirira 18 meses antes, ocultando a titularidade por trás de um muro impenetrável de empresas-fantasmas e investidores estrangeiros fictícios.

No que dizia respeito ao público, o mercado delapidado do bairro de transição estava a ser demolido e convertido num projeto residencial de luxo. E, para todos os efeitos, isso era verdade. Acontecia apenas que a conversão ia a passo de caracol. E, entretanto, o projeto proporcionava a camuflagem perfeita para a entrada do centro de operações da Libertação em Manhattan.

Dallas formara a Libertação com a esperança de localizar as pessoas que o tinham sequestrado e a Jane — no *passado*. Agora, eles os cinco — Dallas, Liam, Quince, Tony e Noah — constituíam a Libertação, uma equipa ultrassecreta de justiceiros de elite que fazia o que quer que fosse necessário para localizar e resgatar vítimas de rapto. Mas Dallas nunca previra que viesse a usar os recursos da Libertação para procurar Jane, e a ironia dessa realidade era como um grande peso no seu estômago.

Fosse ou não irónico, Dallas sentia-se agradecido por a Libertação existir. Podia ser criação sua, mas ele era apenas uma pequena parte do motivo pela qual a organização era tão eficaz. Tinha-a constituído com homens que conhecia e em quem confiava. E o que era mais importante, que eram excepcionalmente competentes. Naquele momento, Liam estava a dirigir a operação a partir do interior do centro. Noah e Tony, armados de falsos distintivos policiais, andavam de porta em porta pela rua de Upper West Side onde Dallas encontrara o telemóvel de Jane. E Quince — que também era agente do MI6 — estava a chegar, vindo de Londres.

Em qualquer outra missão, Dallas queria Quince na sala de interrogatórios. O homem adquirira certas capacidades únicas ao longo dos anos, afinal. Mas, desta feita, Dallas sentia-se grato por o amigo estar longe. Porque tudo o que queria naquele instante era apertar os dedos à volta do pescoço de Colin até o cabrão confessar tudo. Até revelar quem era a Mulher e para onde teria levado Jane.

Manteve o boné a tapar-lhe os olhos enquanto se apresava rua abaixo e entrava na zona em obras. Passou rapidamente por baixo dos andaimes, pelos muros temporários e pelos detritos de materiais de construção até sair para o espaço entre a antiga mercearia e o edifício ao lado. Também detido por empresas-fantasmas da Libertação, o prédio de seis andares encontrava-se igualmente a ser remodelado. Para todos os efeitos, pelo menos. Marcou um código para entrar e depois desceu as escadas até à pequena cave, antes de passar pelas portas de segurança que davam para o centro de operações situado no interior de betão.

Provavelmente, tais precauções não seriam necessárias, mas a Libertação mantinha-se anónima há anos, e parte do seu sucesso encontrava-se na intransigência das regras e procedimentos que a equipa seguia à letra.

Dallas sabia disso.

Também sabia que estava prestes a dizer «que se fodam as regras». Queria a cabeça de Colin numa bandeja. Queria respostas.

Queria-as já, e as regras que se lixassem.

Avançou pelo centro informático, mal dando por Liam, que trabalhava ao computador ao mesmo tempo que falava para uns auscultadores com microfone. Não, estava completamente concentrado na sala de interrogatórios ao avançar nessa direção com uma determinação implacável.

A porta, trancada e com vedação dupla, indicava claramente que aquela era a sala em que Colin se encontrava detido. Só para ter a certeza, Dallas olhou de relance para os ecrãs de videovigilância e, na única cadeira da divisão, amordaçado e de tornozelos presos às pernas metálicas da cadeira, com as mãos firmemente atadas atrás das costas, viu o homem que em tempos considerara um amigo.

— Dallas? — Ele mal deu pela voz de Liam. — Calma, meu.

Porém, Dallas nem abrandou. Raios, quase nem interrompeu a passada enquanto marcou o código e esperou impacientemente que as portas se abrissem, entrando de seguida na sala claustrofóbica, tornando a trancar a porta a partir de dentro com o seu código pessoal.

Um segundo depois, o seu punho embatia com força na mandíbula de Colin, que caiu da cadeira.

Dallas pôs-se em cima dele, com uma mão a arrepelar-lhe o colarinho enquanto a outra lhe arrancava a mordança, deixando o homem mais velho a arquejar, de olhos arregalados e desfocados.

— Dallas? — A sua voz parecia débil. Fraca. — Graças a Deus. Tira-me daqui. Estes homens. Eles...

— Cala a merda da boca. — Dallas obrigou-o a levantar-se, endireitou a cadeira e pôs-se à frente do homem que já se encolhia, como se quisesse desaparecer dentro de si mesmo. — Quem é ela? A Mulher? Quem é, porra? E para onde raio é que levou a Jane?

A cabeça de Colin abanava de um lado para o outro enquanto uma torrente quase incoerente de negações lhe escapava dos lábios.

— Não sei de que estás a falar. Por favor, Dallas, o que se passa? Porque estás aqui? Porque é que eu estou aqui? Não percebo. Aconteceu alguma coisa à Jane? Dallas, o que se passa com a minha menina?

As palavras saíam-lhe a toda a velocidade. Dor, medo e arrependimento pareciam marcar cada ruga do rosto de Colin e, por um momento — um momento apenas —, Dallas hesitou. Queria acreditar que Colin estava inocente. Que o seu amigo nunca o teria magoado. Nunca os teria atirado para uma cela de betão. Nunca os teria feito passar fome, nunca os teria torturado.

Queria acreditar, e essa vontade deixava-o ansioso.

Mas a vontade não podia superar a verdade e Dallas vira demasiado. Sabia demasiado. A sua equipa fizera o trabalho e os indícios eram claros.

Dallas cerrou os punhos junto aos flancos, numa tentativa de acalmar a raiva que se agitava dentro de si como um animal enjaulado.

— Quem. É. Ela? — As palavras saíram-lhe por entre os dentes cerrados.

— Ela? — Colin pestanejou e franziu a testa, concentrado. — A Jane?

Dallas soltou o braço, com mágoa no coração ao sentir a palma da mão embater dura e veloz na face de Colin, fazendo com que a cabeça do homem mais velho se virasse para um lado enquanto ele gritava de dor e surpresa.

— A Mulher, seu ordinário de merda. A cabra que foi tua cúmplice em Londres. A que nos torturou, que...

As palavras atropelavam-se-lhe na garganta, engasgavam-no e, espantado, apercebeu-se de que tinha lágrimas ardentes acumuladas nos olhos. Com um movimento violento, deu um pontapé na cadeira de Colin e depois voltou-lhe costas, tentando recompor-se. Não podia perder a cabeça. Não agora. Não quando precisava tanto de obter respostas. Quando ela estava desaparecida. Quando tinha de a encontrar. Tinha de a salvar.

Inspirou fundo e virou-se de novo para o homem. Que agora era seu prisioneiro, não seu amigo.

Debruçou-se e pôs as mãos sobre os ombros de Colin, apertando-os para segurar o homem e controlar também a sua própria vontade de tornar a agredi-lo com os punhos.

— Sabias que estávamos a apertar o cerco? Mandaste a cabra apanhá-la? Aquela mulher, que nem digna desse nome é, apanhou a Jane para teres margem de manobra?

Vocês planejaram isto tudo? Foda-se, quem é ela, Colin? E para onde é que levou a Jane?

— Dallas, Dallas, por favor. Não compreendo. O que aconteceu à Jane? Eu não... não sei de que estás a falar. Oh, meu Deus. Oh, meu Deus, o que é que tu tens? O que estás a fazer? — Já estava a chorar, com a voz a falhar-lhe enquanto suplicava. — Eu nunca faria mal à Jane. Nunca te faria mal a ti. Tu sabes... como podes não saber?

— Seu mentiroso de merda. És um maldito psicopata. Achavas mesmo que podias simplesmente continuar a passar despercebido nas nossas vidas? Acreditavas mesmo que nunca descobriríamos?

— Não, eu...

— Diz-me — exigiu, com a mão direita a passar para a garganta de Colin. — Diz-me já a verdade... Diz-me onde é que ela está, diz-me quem é a Mulher... Ou juro que esta vai ser a tua última respiração.

Apertou e viu os olhos de Colin a ficarem salientes. O rosto dele a ficar vermelho e depois cinzento. A boca a abrir-se, não para falar, mas em busca do ar que não ia chegar. Dallas queria fazê-lo. Queria arrancar-lhe o que ainda lhe restava de vida, destruir o homem que o destruíra, e a Jane. Castigar o homem que permitira que aquela cabra o torturasse tantos anos antes, e que decerto estaria agora a atormentar Jane.

Apertou com mais força, ao mesmo tempo que uma parte profunda de si estava ciente de que tinha de soltar o homem, tinha de o deixar falar. Mas uma parte maior — e mais poderosa — assumira o controlo. Precisava de

aniquilar Colin. Precisava de pôr fim àquilo. Precisava de punir. Precisava de destruir.

Precisava de Jane.

E, raios, não sabia como reavê-la.

— Dallas! — Umhas mãos fortes agarraram-lhe os braços e puxaram-no para trás, obrigando-o a soltar a garganta de Colin. — Calma lá, meu. Não podes matá-lo. Precisamos dele. Precisamos dele para descobrir quem atacou Jane.

— Foi ele. — Dallas teve de obrigar a palavras a sair por entre a respiração ofegante. — Tenha estado ou não na rua, é ele quem puxa os cordéis, como sempre.

— Talvez. — A fúria começava a dissipar-se dos ouvidos de Dallas. Reconheceu a voz de Liam e percebeu que o amigo tinha usado o código-mestre para entrar. — Mas achas que ela te perdoa se o matares, sobretudo se o matares sem deixares que ela fale com ele primeiro?

As mãos fortes de Liam continuavam a segurá-lo, mas Dallas virou-se rapidamente de lado para se libertar, impulsionado pelo medo de que Jane já tivesse morrido.

— O sacana merece toda a dor que eu possa infligir-lhe. Merece morrer à fome. Apodrecer. Pelo que fez? Merece ser submetido ao pior que possamos dar-lhe. — Fitou os olhos de Liam. — Como é possível que não percebas isso?

Viu a dor e o arrependimento a perpassar o rosto do amigo antes de este se recompor de novo e abanar lentamente a cabeça.

— Eu percebo — respondeu num tom inexpressivo. — Raios, Dallas, sabes o que perdi. Mas tu não perdeste a Jane... ainda não. Ela está viva — continuou, antes

que Dallas pudesse interrompê-lo. — Ouviste-me? A Jane está viva.

As palavras foram um verdadeiro golpe para as suas pernas, que lhe falharam e o fizeram cair de joelhos no chão.

— O quê? — perguntou, estupidificado. — O que estás a dizer?

— Estou a dizer que a encontramos. Dallas, encontramos a Jane.

3

A BELA ADORMECIDA

Primeiro vem a luz, depois a dor. Estou confusa — sem saber bem onde estou. *Quem* sou.

Mas depois o mundo ganha nitidez e apercebo-me de que este sítio parece seguro. Que bom. Tinha resistido ao despertar, à consciência, porque receava o que poderia encontrar quando abrisse os olhos. Paredes escuras e húmidas. Um colchão mofento. Um balde de plástico a fazer as vezes de sanita. Côdeas de pão duro para comer com água morna e acastanhada.

Em vez disso, este quarto é acolhedor. Simples, mas cheio de luz. Estou quente, não fria. E a mulher a meu lado, com lágrimas nos olhos, sorri-me com tanto amor e ternura que o meu medo e a minha confusão se dissipam; não consigo sentir outra emoção que não alegria.

Isto, penso. Isto é o que se sente quando se nasce.

Pavor substituído por maravilhamento. Escuridão levada pela luz. E alguém que nos ama à nossa espera.

— Mamã? — A palavra é de uma doçura divina nos meus lábios secos e rachados.

— Jane! Oh, minha menininha querida! — Aperta-me a mão e não a solta. — Graças a Deus, despertaste!

— O que aconteceu? — Só então olho em redor, escrutinando o resto do quarto, de novo em pânico ao ver as janelas à minha esquerda antes de tornar a fitar a minha mãe, que está do outro lado da minha cama, com a porta fechada atrás de si. — Onde está o Dallas?

Custa-me falar com o nó de medo que me embarga a garganta, mas preciso de saber que está em segurança. Racionalmente, sei que se passaram 17 anos desde que estivemos trancados naquela cela nojenta. Dezassete anos desde que passámos frio e fome, tendo apenas a nossa paixão para nos aliviar do horror. Sei isso — mas, em simultâneo, o nosso sequestro ainda parece recente. Árduo, frio e aterrorizante.

— Está lá fora com o papá. — A voz da minha mãe mostra-se calma. Tão tranquilizadora como as suas mãos quentes pousadas nas minhas. — Estão a falar com os médicos. Não esperavam que acordasses tão cedo. Tens muitos sedativos a correr-te no sangue.

Isso explica a cacofonia que me vai na mente, e esboço um sorriso irónico.

— É como pó de iocano — digo, fazendo uma referência a *A Princesa Prometida*, um dos meus filmes preferidos. — Fui ganhando resistência a todos os calmantes que se possa imaginar.

Estou a ser ligeira, mas talvez seja verdade. Ao longo dos anos, tomei todo um arco-íris de comprimidos para

me ajudar a lidar com as sequelas do sequestro. Mas não tenho recorrido a isso ultimamente. Agora tenho o Dallas, o homem que me ocupa o coração e me torna completa. Que é tão vital para mim que, por vezes, me dá a impressão de que somos duas metades da mesma pessoa.

Olho para a porta com anseio; quero tão intensamente vê-lo que é como uma dor física. E, no entanto, ao mesmo tempo, sinto-me tensa. Incerta. E não compreendo porquê.

A franzir o sobrolho, ajusto a cama de forma a ficar sentada com as costas direitas, esperando que isso me aclare as ideias baralhadas. Tento recordar-me do que terá acontecido. Lembro-me de estar à espera dele no apartamento, sentindo-me segura, mesmo sabendo que essa sensação não duraria. E lembro-me de discutirmos. Mas não sei sobre o que terá sido.

Franzo o sobrolho, olhando para a minha mãe enquanto tento recuperar todas as memórias.

— Jane? Querida.

— Não me lembro. Sei que aconteceu qualquer coisa... Quando? Ontem? Mas não consigo lembrar-me.

— Foste atacada. Oh, querida, deixaram-te inconsciente no meio da rua.

A voz falha-lhe e o olhar desvia-se do meu rosto; conheço suficientemente bem a minha mãe para perceber que, se continuar a olhar para mim, vai chorar. Com delicadeza, solto a mão para me abraçar. Porque o que ela disse parece-me corresponder à verdade. Fecho os olhos, a tentar recordar.

Eu estava na rua, a caminhar depressa. Estava zangada, tenho a certeza, mas não me lembro do motivo.

Sentia-me sozinha... tão sozinha.

E depois, de repente, já não estava sozinha.

Alguém estava a seguir-me.

Um calafrio percorre-me e os meus olhos abrem-se de repente. Fito o rosto preocupado da minha mãe.

— Era uma mulher. Alta, magra, toda vestida de vermelho. E tinha uma máscara.

— Uma máscara de Carnaval, sim — confirma a minha mãe. — Como se estivesse vestida para um baile de máscaras à moda antiga.

Aceno com a cabeça e humedeço os lábios.

— Foi como... antes. — A minha mãe deve dar pela minha voz trémula, pois segura-me a mão e aperta-a com força quando olho para ela. — Foi ela, não foi? A Mulher? Foi ela que me atacou?

Caem lágrimas pelas faces da minha mãe, mas ela não me larga a mão para as limpar.

— Não sei. Provavelmente. O Dallas acha que sim. Mas nessa noite havia uma festa. Um baile de máscaras no Museu de História Natural. Pode ter sido um assalto. Ou alguém a quem não agrade...

— O facto de eu ir para a cama com o meu irmão?

Ela estremece. Quase impercetível. E depois acena com a cabeça.

— Acreditas nisso?

— Não sei, querida. Não sei o que pensar. Lembras-te de alguma coisa? De qualquer coisa que possa ajudar-nos a encontrar quem quer que te tenha feito isto?

Tento pensar, arrancar alguma espécie de facto crucial à minha memória enevoada, mas não encontro grande coisa.

— Sei que ela tinha um *taser*. Eu estava a andar e ouvi passos. Depois, quando me virei, aquilo atingiu-me. Atirou-me ao chão.

— Mais alguma coisa?

Assinto com a cabeça, um movimento que me deixa a cabeça a latejar.

— Ela tinha um pau... um cassetete, acho. Daqueles extensíveis. E ela... ela...

Não o digo, mas levo a mão à cara e a minha mãe arqueja um pouco.

— Querida, oh, minha menina.

Sinto as faces molhadas e dou-me conta de que estou a chorar.

— É tudo — digo. — É tudo o que me lembro. Depois disso, acordei aqui. — Engulo em seco. — Sabem o que me aconteceu?

— Sabemos parte. O Dallas telefonou-nos, claro. É... é horrível.

Fecha os olhos com força e abana a cabeça, como se não suportasse aquilo em que está a pensar.

— Mãe?

— Enviaram uma fotografia tua ao Dallas. Caída no passeio, quero dizer, e... oh, oh meu Deus.

— Uma fotografia? — Ouço-me a repetir a palavra, mas não consigo entender o que possa querer dizer.

— Um SMS. Do teu telemóvel. E ele rastreou-te o telemóvel e foi à tua procura, mas não estavas lá. — Funga e leva a mão a um lenço. — Eu só... se alguma coisa pior te tivesse acontecido...

Estendo-lhe a mão.

— Eu estou bem, mãe. Vou ficar ótima.

Ela aperta-me os dedos e acena com a cabeça, visivelmente a recompor-se.

— Não sei como, acabaste aqui e internaram-te, apesar de não teres identificação. O Dallas tinha pedido ao Liam e ao Quince que o ajudassem desde que soube que tinhas sido atacada e, quando eles descobriram que estavas aqui internada, correu para cá e telefonou-nos pelo caminho.

Assinto com a cabeça. Percebo que o Dallas terá contado aos nossos pais que fui atacada, sem os pôr a par do que é a Libertação. Ainda assim, como sabem que o Liam trabalha na área da segurança e que o Quince, o ex-colega de quarto do Dallas, dos tempos do colégio interno, faz parte do MI6, é natural que a minha mãe não estranhe que estivessem a ajudar.

— O Dallas... — Sinto o seu nome suave nos meus lábios, cheios de anseio. Sei que está apenas do outro lado das portas, tão perto que poderia caminhar até ele, mas, ao mesmo tempo, parece-me mais afastado de mim do que alguma vez esteve.

Continuo sem compreender porque sinto essa distância. Só sei que existe, oculta pelas sombras que se mantêm na minha memória.

E então a porta abre-se e eu vejo-o entrar, as passadas longas e determinadas que sublinham a urgência dos seus movimentos. Está tão alto e lindo como sempre, mas hoje o seu cabelo cor de caramelo está emaranhado e desalinhado, como se ele tivesse passado horas a despenteá-lo

inconscientemente com os dedos. Tem os ângulos do rosto escultural mais pronunciados, marcas de exaustão nas faces, e é evidente que não dormiu.

Resquícios de medo continuam agarrados a ele como coisas palpáveis, mas também traz alegria. E, quando susurra o meu nome, é como se uma corda de salvação nos puxasse novamente um para o outro, completando-me. Completando-*nos*.

Observo um sorriso hesitante aflorar-lhe aos lábios, o alívio que lhe enche aqueles olhos de um verde brilhante. Podia afundar-me nas profundidades de emoção que ali vejo e estendo uma mão, a precisar de lhe tocar. A precisar de ter a certeza de que ele é a sério.

Ele acorre, com a garganta a mover-se quando engole em seco, e uma lágrima serpenteia-lhe pela face ao segurar a minha mão.

É como se o seu toque fosse um elixir, uma poção mágica que me abre as portas da memória, fazendo-me encolher. Sinto o coração a bater dolorosamente no peito e liberto a mão com um safanão enquanto a memória me arrebatava e assoberba.

Ele abre a boca para dizer qualquer coisa, mas eu adianto-me.

— *Colin*.

É a única palavra que digo, mas, ao fazê-lo, reativo memórias, duras e horríveis. *Oh, meu Deus. Oh, meu Deus*. Já me lembro — já me lembro de tudo — e fito o Dallas, certa de que os meus olhos estarão cheios de acusações severas.

Ele abana a cabeça, o rosto a ficar cinzento.

— Jane...

— Ele está a tentar, querida — diz a minha mãe, ao que ambos nos viramos para a fitar. — O teu irmão tem estado a tentar entrar em contacto com o Colin para lhe dizer o que aconteceu e que tu estás aqui. Que estás bem.

— Ai tem? — pergunto, voltando-me de novo para o Dallas. Ouço a agressividade na minha voz. O sarcasmo amargurado. — Gostava de saber porque é que ainda não o encontraste.

Tenho vontade de gritar, barafustar e espumar, e sei que o Dallas vê isso na minha cara.

— Ele deve andar a viajar — diz a minha mãe, que ignora as recriminações silenciosas que dirijo ao Dallas. — Jane, querida, recosta-te. Não me agrada a cor com que estás. Precisamos de chamar a enfermeira para...

— Não. — Obrigo-me a encostar-me de novo à almofada quando o meu pai entra no quarto. — Não, já me sinto melhor. Estou só... estou só tão cansada...

Não olho para o Dallas, mas sei que ele me compreende. Estou fisicamente exausta, sim. Mas não é a isso que me refiro. Estou cansada das mentiras. Dos segredos.

Lembro-me de todas as vezes que justifiquei perante mim mesma os seus segredos, por saber que ele tinha coisas com que lidar. De todas as vezes que lhe perguntei se tinha descoberto alguma coisa acerca do nosso sequestro. Mas nem por uma vez suspeitei de que ele estivesse a esconder um segredo tão portentoso. Que me ocultasse a sua suspeita de que o Colin tivesse sido o Carcereiro. Que tivesse a audácia de pôr em causa, capturar e encarcerar

o homem que começou por ser meu pai biológico mas acabou por se tornar meu amigo.

Não quero sequer pensar na possibilidade de uma coisa tão horrível ser verdade, mas o Dallas devia ter-me contado. Depois de todas as suas promessas, de todas as garantias quanto a não haver mais segredos entre nós, guardou segredo acerca de uma coisa que me despedaçou e me fez fugir dele às cegas, incapaz de assimilar a profundidade do seu logro. Incapaz de suportar o peso das suas mentiras.

E, apesar de ainda há instantes o querer a meu lado, agora quero que se vá embora. Só que não quero, porque quero que me abrace. Quero voltar atrás no tempo. Quero que ele nunca me tenha mentido.

Quero-o.

Quero-nos.

E morro de medo que tenhamos desbaratado tudo o que criámos. Que nos tenhamos perdido um ao outro.

Inspiro e depois fito-lhe os olhos.

— Vai — digo. — Por favor, vai-te só embora.

Sombras atormentam-lhe os olhos enquanto abana a cabeça.

— Jane, não.

Viro-me para a minha mãe, como se se tratasse de uma discussão simples entre irmãos e ela precisasse de intervir e fazer de árbitro, como quando éramos pequenos.

Mas não é a minha mãe quem responde, é o meu pai, e apercebo-me de que tinha ficado tão vidrada na visão do Dallas que nem dera pela entrada do meu pai.

— Ela quer que te vás embora — diz-lhe. — Faz o favor de dar ouvidos à tua *irmã*. — A ênfase na palavra «irmã» incomoda-nos aos dois.

— Pai... — começa o Dallas.

— A culpa disto é tua — dispara o meu pai, dirigindo a sua acusação irritada apenas ao Dallas. — Espero que tenhas noção de que o único responsável és tu. Se vocês... se antes, se vocês os dois não... — Interrompe-se, com a voz a falhar, irregular. — Se ao menos...

— *Eli*. — A voz da minha mãe soa invulgarmente severa e eu vejo o meu pai a recompor-se antes de olhar de novo para o Dallas, de rosto inexpressivo.

— Como estava a dizer, rapaz. Ela quer que te vás embora.

— Tu também, papá. — As palavras saem-me num tom baixo mas firme, pois não foi só o Dallas quem me magoou e desapontou, quem quebrou a minha redoma. — Também preciso que vás.

Por um momento, o meu pai parece abalado. Depois endireita-se mais.

— Não digas disparates. Estás perturbada e assustada. Mas precisamos de saber de que te lembras. Quem quer que te tenha feito isto... temos de os encontrar.

Caem-me lágrimas quentes pelo rosto.

— Eu sei. Mas agora não. Seja como for, não vi nada. Só... só quero a mãe. — Um soluço forte magoa-me a garganta. — Não consigo lidar com mais nada agora.

O meu pai olha para mim, este homem que, durante toda a minha vida, sempre foi uma figura forte. Agora parece mais pequeno e um pouco perdido.

— Jane... minha menina... adoro-te.

— Eu acredito. A sério. E se isso é verdade, então preciso que faças o que te digo que preciso, não o que queres que eu precise. Isto vale para os dois — acrescento, com um olhar de relance para Dallas.

Pela primeira vez de que eu tenho memória, o meu pai parece não saber o que fazer. Depois, a minha mãe susurra:

— Por favor, Eli, só por agora.

Lentamente, ele acena com a cabeça. Dá um único passo na minha direção e eu até estremeço. O seu corpo retesou-se como se eu lhe tivesse dado uma bofetada.

— Estou só... estou só tão contente por estares bem, caramba.

Bem?, penso eu. *É isso que estou? Bem?*

Nada digo, porém, e ele vira-se para a porta. Dallas segue-o e eu tenho de cerrar as mãos para combater a vontade de o puxar para mim. Quero-o — quero-o desesperadamente —, mas a mágoa ainda é demasiado profunda.

O meu pai sai sem sequer olhar para trás, mas o Dallas detém-se à entrada, demorando-se aí até eu levantar a cabeça e corresponder ao seu olhar.

— Lamento — diz ele, e eu desvio o olhar, mantendo-o fixo no chão enquanto os seus passos vão deixando de se ouvir pelo corredor e eu penso se não terei acabado de perder os dois homens que mais amo no mundo inteiro.

*Com todos os olhos postos neles, não há
escapatória possível. A paixão de ambos
é proibida mas tão irresistível...*

Milionário irreverente, playboy atrevido e manipulador. É isto que todos pensam de Dallas Skyes. Mas apenas Jane sabe como é o homem que se esconde por detrás do dinheiro, da intimidação e do poder — e só ela tem controlo sobre o seu coração.

Quando a relação entre Jane e Dallas é descoberta, o escândalo rebenta. Para onde quer que fujam, eles são perseguidos pelos jornalistas e pelo público, e o seu amor tabu é criticado de forma severa. No entanto, esse é o menor dos problemas do casal.

Despertada pelas novidades, a sádica sequestradora que raptou e torturou Jane e Dallas 17 anos antes regressa do seu esconderijo e ataca novamente. O seu principal objetivo?
Livrar-se de Jane para que Dallas seja seu.

Receando a ameaça, Dallas decide fazer o possível e o impossível para apanhar, de uma vez por todas, a mulher que tornou a sua vida um pesadelo. Só que este jogo de gato e rato irá ganhar contornos maquiavélicos que nenhum dos dois poderia adivinhar...

**Com o mundo contra eles e o perigo à espreita,
conseguirão Jane e Dallas ter o fim que tanto desejam?**

**Conheça a intensa
história de Jane
e Dallas:**



SÉRIE S.I.N.

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-39-5



9 789898 886939

Romance Erótico